



# Desenho Básico

Módulo 1

## Apresentação

Através de trabalhos experimentais pretende-se com este módulo transmitir aos alunos os princípios básicos da linguagem do *design*, salientando as possíveis utilizações, diversificadas e criativas, para que eles as utilizem e explorem adequadamente, para transmitir mensagens e informações a um público-alvo. Pretende-se ainda que os alunos compreendam as possibilidades expressivas e físicas dos materiais.

## Introdução

### O Desenho

Podemos definir desenho como linhas e rabiscos feitos numa superfície qualquer, como uma folha de papel, com diversos instrumentos e materiais, e como sendo uma das atividades humanas mais básicas.

## Objetivos de aprendizagem

- Interpretar uma imagem;
- Comunicar graficamente;
- Utilizar o vocabulário da linguagem visual e plástica;
- Utilizar os elementos estruturais da linguagem plástica na expressão gráfica;
- Explorar as potencialidades dos suportes e dos materiais plásticos;
- Apresentar soluções que conjuguem os diferentes elementos da linguagem visual e plástica;
- Aplicar e conjugar as várias técnicas aprendidas na elaboração de projetos de moda.



## *Âmbito de conteúdos*

- Perceção visual e plástica;
- Vocabulário da linguagem visual e plástica;
- Elementos estruturais na linguagem plástica;
- Regras e princípios elementares da composição plástica;
- Potencialidades dos suportes e dos materiais;
- Materiais e técnicas.



# Perceção visual e plástica

**Desenhar** é sempre uma forma de registar, de contar, de explicar, de comunicar graficamente coisas várias que poderiam também, na maior parte dos casos, ser comunicadas com palavras, com letras, com gestos ou com sons.

Este módulo pretende dar a conhecer uma série de estudos já elaborados nesta área, a par das conseqüentes reflexões suscitadas sobre as ligações das diferentes aprendizagens do desenho e da escrita.

Aborda também a aparente contradição que existe na opinião generalizada de que estes processos são universais e no resultado de alguns estudos concretos sobre estas áreas, que apontam para considerar estes processos como sendo processos criativos.



# Elementos Básicos da Comunicação Visual

Sempre que alguma coisa é projetada e feita, esboçada e pintada, desenhada, rabiscada, construída, esculpida ou gesticulada, a substância visual da obra é composta a partir de uma lista básica de elementos. Não se devem confundir os elementos visuais com os materiais ou o meio de expressão, a madeira ou a argila, a tinta ou o filme. Os elementos visuais constituem a substância básica daquilo que vemos e seu número é reduzido: o ponto, a linha, a forma, a direção, o tom, a cor, a textura, a dimensão, a escala e o movimento. São a matéria-prima de toda a informação visual em termos de opções e combinações seletivas. A estrutura da obra visual é a força que determina que elementos visuais estão presentes e com que ênfase a presença ocorre.

Grande parte do que sabemos sobre a interação e o efeito da percepção humana sobre o significado visual provém das pesquisas e das experiências da Psicologia da Gestalt, embora o pensamento gestaltista tenha mais a oferecer além da mera relação entre fenômenos psicofisiológicos e a expressão visual. A sua base teórica é a crença em que uma abordagem da compreensão e da análise de todos os sistemas exige que se reconheça que o sistema (ou objeto, acontecimento, etc.) como um todo é formado por partes interatuantes, que podem ser isoladas e vistas como inteiramente independentes e depois reunidas no todo. É impossível modificar qualquer unidade do sistema sem que, com isso, se modifique também o todo.

Qualquer ocorrência ou obra visual constitui um exemplo incomparável dessa tese, uma vez que ela foi inicialmente concebida para existir como uma totalidade bem equilibrada e indissociável. São muitos os pontos de vista a partir dos quais podemos analisar qualquer obra visual; um dos mais reveladores é decompô-la nos seus elementos constitutivos, para melhor compreendermos o todo. Este processo pode proporcionar uma profunda compreensão da natureza de qualquer meio visual e também da obra individual e da pré-visualização e criação de uma manifestação visual, sem excluir a interpretação e a resposta que a ela se dê.



A utilização dos componentes visuais básicos como meio de conhecimento e compreensão tanto de categorias completas dos meios visuais quanto de obras individuais é um método excelente para explorar o sucesso potencial e consumado da sua expressão. A dimensão, por exemplo, existe como elemento visual na arquitetura e na escultura, meios nos quais predomina em relação aos outros elementos visuais.

Toda a ciência e a arte da perspectiva foram desenvolvidas durante o Renascimento para sugerir a presença da dimensão nas obras visuais bidimensionais, como a pintura e o desenho. Mesmo com o recurso do *trompe d'oeil* aplicado à perspectiva, a dimensão nessas formas visuais só pode estar implícita, sem jamais explicitar-se.

Mas em nenhum outro meio é possível sintetizar tão sutil e completamente a dimensão do que no filme, parado ou em movimento. A lente vê como vê o olho, em todos os detalhes e com o apoio absoluto de todos os meios visuais. Tudo isso é outro modo de dizer que os meios visuais têm presença extraordinária no nosso ambiente natural. Não existe reprodução tão perfeita do nosso ambiente visual na gênese das ideias visuais, nos projetos e nos croquis. O que domina a pré-visualização é esse elemento simples, sóbrio e extremamente expressivo que é a linha.

É fundamental assinalar aqui que a escolha dos elementos visuais que serão enfatizados e a utilização desses elementos, tendo em vista o efeito pretendido, está nas mãos do artista, do artesão e do designer; ele é o observador. É ele quem decide o que fazer com eles é a sua arte o seu ofício e as opções são infinitas. Os elementos visuais mais simples podem ser usados com grande complexidade de intenção: o ponto justaposto em diferentes tamanhos é o elemento essencial da impressão e da chapa a meio-tom, meio mecânico para a reprodução em massa de material visual de tom contínuo, especialmente em fotografia; a foto, cuja função é registrar o meio ambiente aos mínimos detalhes visuais, pode ao mesmo tempo tornar-se um meio simplificador e abstrato nas mãos de um fotógrafo. A compreensão mais profunda da construção elementar das formas visuais oferece ao observador maior liberdade e diversidade de opções compositivas, as quais são fundamentais para o comunicador visual.

Para analisar e compreender a estrutura total de uma linguagem visual é conveniente concentrar-se nos elementos visuais individuais, um por um, para um conhecimento mais aprofundado das suas qualidades específicas.



# O ponto

O ponto é a unidade de comunicação visual mais simples e irreduzível. Na natureza, a rotundidade é a formulação mais comum, sendo que, em estado natural, a reta ou o quadrado constituem uma raridade. Quando qualquer material líquido é vertido sobre uma superfície, assume uma forma arredondada, mesmo que esta não simule um ponto perfeito.

Quando fazemos uma marca, seja com tinta, com uma substância dura ou com um bastão, pensamos nesse elemento visual como um ponto de referência ou um indicador de espaço.

Qualquer ponto tem um grande poder de atração visual sobre o olho, exista ele naturalmente ou tenha sido colocado pelo homem em resposta a um objetivo qualquer (figura 3.1).

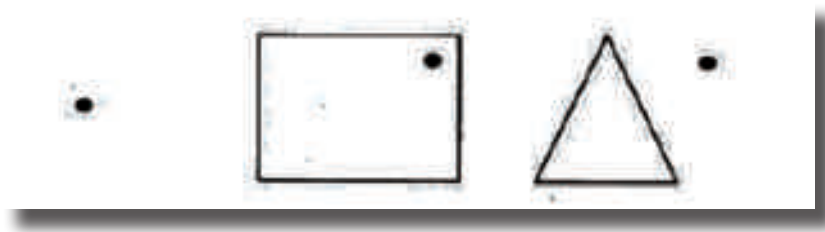


Figura 3.1

Dois pontos são instrumentos úteis para medir o espaço no meio ambiente e no desenvolvimento de qualquer tipo de projeto visual (figura 3.2). Aprendemos cedo a utilizar o ponto como sistema de notação ideal, juntamente com a régua e outros instrumentos de medição, como o compasso. Quanto mais complexas as medidas necessárias à execução de um projeto visual, maior será o número de pontos usados (figura 3.3, 3.4).

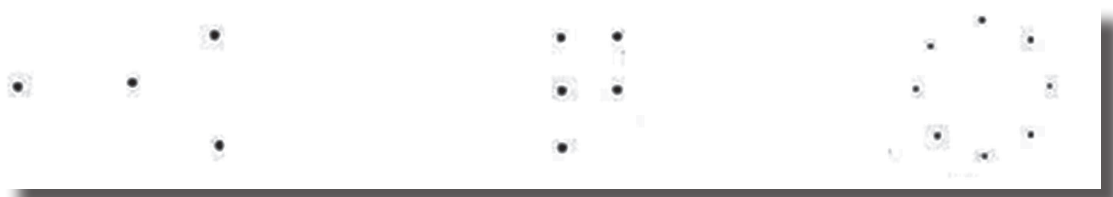


Figura 3.2

Figura 3.3

Figura 3.4



Quando observados, os pontos ligam-se sendo, portanto, capazes de dirigir o olhar (figura 3.5). Em grande número e justapostos, os pontos criam a ilusão de tom ou de cor o que, como já se observou aqui, é o facto visual em que se baseiam os meios mecânicos para a reprodução de qualquer tom contínuo (figura 3.6, 3.7). O fenómeno perceptivo da fusão visual foi explorado por Seurat nos seus quadros pontilhistas, de cor e tom extraordinariamente variados, ainda que ele só tenha utilizado quatro cores - amarelo, vermelho, azul e preto - e tenha aplicado a tinta com pincéis muito pequenos e pontiagudos. Todos os impressionistas exploraram os processos de fusão, contraste e organização que se concretizavam nos olhos do espectador. Envolvente e estimulante, o processo era de alguma forma semelhante a algumas das mais recentes teorias de McLuhan, para as quais o envolvimento visual e a participação no ato de ver são parte do significado.



Figura 3.5



Figura 3.6



Figura 3.7

Ninguém investigou estas possibilidades tão completamente quanto Seurat, que parece ter antecipado o processo de quadricromia a meio-tom, pelo qual são atualmente reproduzidos, na impressão em grande escala, quase todas as fotos e os desenhos a cores, de tom contínuo.

A capacidade única que uma série de pontos tem de conduzir o olhar é intensificada pela maior proximidade dos pontos (figura 3.8).



Figura 3.8





*Imagem formada por pontos*



# A linha

Quando os pontos estão tão próximos entre si que se torna impossível identificá-los individualmente, aumenta a sensação de direção e a cadeia de pontos transforma-se noutro elemento visual distintivo: a linha (figura 3.9). Também poderíamos definir a linha como um ponto em movimento pois quando fazemos uma marca contínua ou uma linha, o nosso procedimento resume-se a colocar um marcador de pontos sobre uma superfície e a movê-lo segundo uma determinada trajetória, de tal forma que as marcas assim formadas se convertem num registo (figura 3.10).



Figura 3.9

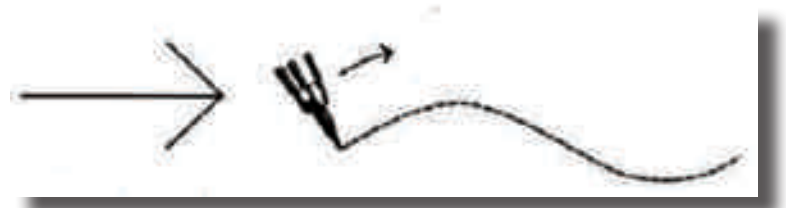


Figura 3.10

Destas características destacamos a forma e a posição da linha que pode estar carregada de movimento e energia, assumindo diversas apresentações para expressar vários significados (figura 3.11), dependendo da intenção de quem a desenha.



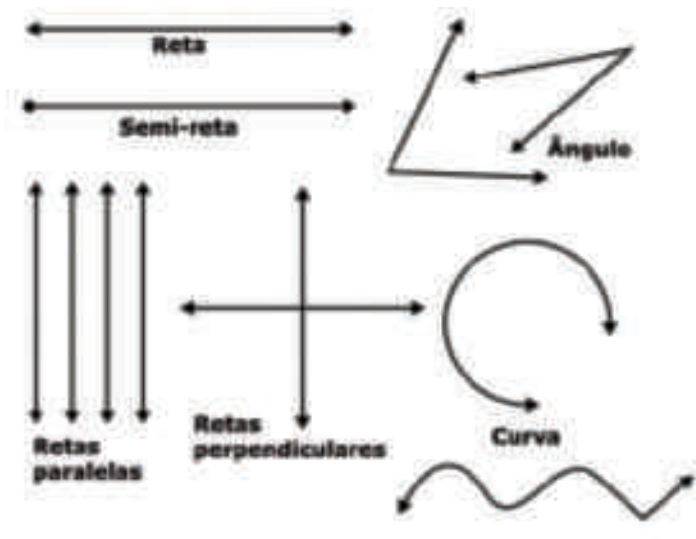


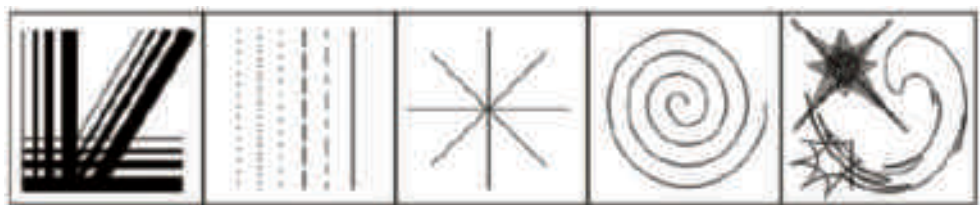
Figura 3.11

- **Reta:** linha ilimitada nos dois sentidos (sem começo ou fim) e que possui uma única direção.
- **Semi-reta:** linha que parte de um ponto de origem e é ilimitada apenas num sentido de crescimento.
- **Retas paralelas:** linhas retas que não se cruzam e todos os seus pontos possuem a mesma distância.
- **Retas perpendiculares:** linhas retas que se cruzam formando um ângulo reto.
- **Ângulo:** é a “abertura” formada por duas linhas semi-retas que partem de um mesmo ponto.
- **Curva:** linha que muda o seu sentido de direção podendo ser sinuosa, quebrada ou mista.

A linha gráfica pode indicar a trajetória de um ou vários pontos de maneira contínua variando quanto:

- À **espessura**, (fina ou grossa);
- À **forma** (reta, sinuosa, quebrada ou mista);
- Ao **traçado** (cheia, tracejada, pontilhada, traço e ponto, etc.);
- À **posição** (horizontal, vertical ou inclinada).





Nas artes visuais a linha tem uma enorme energia. Nunca é estática e é o elemento visual inquieto e inquiridor do esboço. Onde quer que seja utilizada, é o instrumento fundamental da pré-visualização, o meio de apresentar, em forma palpável, aquilo que ainda não existe, a não ser na imaginação. Dessa maneira, contribui enormemente para o processo visual. A sua natureza linear e fluida reforça a liberdade de experimentação. Contudo, apesar da sua flexibilidade e liberdade, a linha não é vaga: é decisiva, tem propósito e direção, faz algo de definitivo. A linha pode ser rigorosa e técnica, servindo como elemento fundamental em desenhos de moda, além de aparecer em muitas outras representações visuais em grande escala ou de alta precisão métrica. Seja ela usada com flexibilidade e experimentalmente ou com precisão e medidas rigorosas, a linha é o meio indispensável para tornar visível o que ainda não pode ser visto, por existir apenas na imaginação.

A linha é também um instrumento nos sistemas de notação, como a escrita. A escrita, a criação de mapas, os símbolos elétricos e a música são exemplos de sistemas simbólicos nos quais a linha é o elemento mais importante. Na arte, porém, a linha é o elemento essencial do desenho, um sistema de notação que, simbolicamente, não representa outra coisa, mas captura a informação visual e a reduz a um estado em que toda informação visual supérflua é eliminada e apenas o essencial permanece. Essa sobriedade tem um efeito extraordinário em desenhos ou pontas-secas, xilogravuras, águas-fortes e litografias.

A linha pode assumir formas muito diversas para expressar uma grande variedade de estados de espírito. Pode ser muito imprecisa e indisciplinada, como nos esboços ilustrados, para tirar proveito de sua espontaneidade de expressão. Pode ser muito delicada e ondulada, ou nítida e grosseira, nas mãos do mesmo artista. Pode ser hesitante, indecisa e inquiridora, quando é simplesmente uma exploração visual em busca de um desenho. Pode ser ainda tão pessoal quanto um manuscrito em forma de rabiscos nervosos, reflexo de uma actividade inconsciente sob a pressão do pensamento ou um simples passatempo. Mesmo no formato frio e mecânico dos mapas, nos projetos para



uma casa ou nas engrenagens de uma máquina, a linha reflecte a intenção do artífice ou artista, os seus sentimentos e emoções mais pessoais e, mais importante que tudo, a visão.

O elemento visual da linha é usado principalmente para expressar a justaposição de dois tons. A linha é muito usada para descrever essa justaposição, tratando-se, nesse caso, de um procedimento artificial.

